

Romances Mediúnicos - Parte II

por Yvonne do Amaral Pereira

Existem ditados mediúnicos, mesmo romances – e poderíamos citá-los – considerados imitações por muitos observadores, **porque não trazem o característico do estilo literário daquele que espiritualmente o concedeu.** No entanto, sabemos que a obra, realmente, é daquele cujo nome figura no volume. O que passa é que transmitir o estilo

integral é uma tortura para certos médiuns, como trabalho exaustivo para o autor, razão por que nem sempre este obrigará seus medianeiros ao penoso labor, visto o intento de uma obra espírita ser a sua finalidade moral-educativa-doutrinária e não propriamente a simples realização literária. De outras vezes, porque o médium não apresente os re-

curso necessários, dá-se uma como tradução no seu pensamento. Este, o médium, recebe o ditado e transmite-o para o papel empregando sua própria linguagem, o que resulta na desfiguração do estilo literário do escritor comunicante, se se tratar de literato conhecido na Terra. Alguns, devido a tais fatores, adotam pseudônimo, encobrimdo o próprio ▶



MEDIUNIDADE

nome até mesmo de seu instrumento mediúnico. Todavia, o pensamento foi do escritor e não do médium, e por isso a obra deverá ser considerada mediúnica. Muitas vezes, desde que não se positivem o fenômeno espírita propriamente dito, será

nociva da literatura cultivada no estágio terreno. É o **resgate**, pois, que se verificará. Preferentemente, tais escritores tomarão pseudônimo, encobrindo-se do próprio médium, que poderá não guardar o devido segredo, entusiasmando-se com o

visões tidas durante os chamados transe “oníricos”¹ e os desdobramentos em corpo astral.

Do que particularmente nos diz respeito, lembremos que o livro “A Tragédia de Santa Maria”, por nós escrito sob a direção da entidade espiritual Adolfo Bezerra de Menezes – trabalho em que tivemos a maior facilidade de recepção, dentre os que nos têm cabido transmitir – ofereceu-nos todas as modalidades possíveis em um ditado mediúnico: visão antes e no momento da recepção, audição, psicografia isolada (desacompanhada de visão e audição), psicografia acompanhada de outros fenômenos e intuição acompanhada de visão. Consideramos essa época de nossa existência (quatro meses), das mais felizes, entre as poucas horas ditosas que fruímos nesse mundo, dada a suavidade, o enternecimento das faixas vibratórias que nos envolveram durante o período consumido no ditado do trabalho. Que de visões outras, então, obtivemos da vida espiritual! Que surpresas cativantes! E como convivemos com os seres invisíveis, mostrados à nossa respeitosa contemplação naquelas noites magníficas, quando, abstraída da vida terrena, aliviado o nosso coração de sofrimentos e humilhações oriundos da vida social terrena, a assistência de Bezerra de Menezes se tornava positiva e integral, para que o seu feito romântico se realizasse sem que nenhum esgotamento físico, nenhuma fadiga mental nos abatesse a saúde! Esse venerável espírito é seguido, por assim dizer, por grande número de entidades ain-

Alguns escritores desencarnados não fazem questão de que o seu antigo vigor literário se reproduza integralmente

mais conveniente que tais trabalhos apareçam a público sob o nome do próprio médium, visto que, destituídos do estilo do escritor conhecido, a que se atribua o trabalho, será difícil provar que, efetivamente, houve o fenômeno mediúnico, muito embora se tenha dado, e assim se contornarão controvérsias e polêmicas muito prejudiciais à Doutrina. Tal sutileza da faculdade mediúnica opera-se, comumente, entre alguns escritores e será, então, o a que chamaremos **inspiração**, não obstante conheçamos tais casos no setor psicográfico, também.

Alguns escritores desencarnados, como Camilo Castelo Branco, que foi um estilista inconfundível, um purista do idioma português, não fazem, em absoluto, questão de que o seu antigo vigor literário se reproduza, integralmente, através de um cérebro mediúnico. O que querem é se desincumbir de tarefas que lhes desanuviem a consciência das sombras dos deslizes passados, reabilitando-se, pela literatura Além-Túmulo, da antiga feição ociosa ou

próprio feito de que foi instrumento. Outros, como Léon Denis, preferirão não ditar obras mediúnicas a vê-las desfiguradas no seu estilo pessoal. O que querem é a prova insofismável do fenômeno espírita. Continuam, no Além, as pesquisas e experiências encetadas na Terra.

Um mesmo espírito poderá ditar uma obra **dando a ver ao médium as cenas antes ou no momento do ditado**, e poderá ditar outra, ainda pelo mesmo médium, valendo-se tão-somente da psicografia, sem que o intermediário veja coisa alguma, ou, pelo menos, sem que este se recorde do que viu, pois pode dar-se o fato de ele ter presenciado o drama, posteriormente psicografado, durante um desdobramento, e de nada se recordar em vigília. De outro modo, o fato de **recordar** será uma disposição particular do aparelho mediúnico. Vimos que João Evangelista, ao despertar do transe em que obteve o Apocalipse, recordou tudo o que vira e ouvira. Os profetas antigos, do mesmo modo, se recordaram das

¹ Mediunidade pelo sonho. Revelações através do sonho. A Bíblia está repleta de informações a respeito.



Dr. Bezerra de Menezes

da vacilantes, porém, submissas, cuja readaptação ao estado espiritual é operada sob sua desvelada direção. Vimos e falamos a varias delas, enquanto trabalhávamos naquela obra.

Entrementes, as visões do drama que então nos eram fornecidas decorriam em ambiência branca, lucilante, mesclada de tons dourados, como se raios de sol purísimos iluminassem a transparência branca, efeito, ao que julgamos, inédito sobre a Terra, a nós outra impossível de descrever, e como se todas as cenas e panoramas fossem desenhos delicadíssimos, a se movimentarem em cenários celestes. No entanto, em “Uma história triste”, que integra o volume “Nas Telas do Infinito”, o drama se desenrolou em suave ambiente azul, levemente esbatido de nuances brancas lucilantes, quais neblinas tenuíssimas, enquanto que em “Lionel e os Judeus”, obra ainda inédita,

médium consegue transcrever na íntegra o que avista no Espaço, concedido por seus mestres instrutores. Parece, mesmo, que cenas belíssimas, admiráveis pela perfeição, deixam de ser psicografadas no decurso da obra, porque assim o determinaria o próprio autor, visto que a escrita não reproduzia fielmente o encantamento que a visão espiritual alcançou. Na obra “Nas Vora-gens do Pecado”, por exemplo, a entidade “Charles”, Espírito que sabemos ser o de um completo artista, e que no-la havia mostrado magistralmente, durante um arrebatamento do nosso espírito, por ele mesmo provocado, deixou de escrever uma cena das mais belas, que nos fora dado a apreciar na ocasião precisa:

- A personagem “Otília de Louvigny” ao ter conhecimento do massacre da família de La-Chapelle, durante a chamada “Matança de São Bartolomeu”, no qual sucumbira

Não obstante, nem sempre o médium consegue transcrever na íntegra o que avista no Espaço

ta, do mesmo autor, a história se desenrola sob colorações fortes, mas com algumas cenas muito sombrias, tais como salas de suplícios da Inquisição, em Portugal, e outras muito nítidas, como o rumor das águas de um repuxo de jardim, ao se despenhar no tanque, o brilho de candelabros de prata sob a luz das velas e o som da cítara com que uma personagem se acompanhava, entoando salmos de David.

Não obstante, nem sempre o

seu noivo, Carlos Felipe, tem acessos de loucura verdadeiramente patéticos, emocionantes. Em desespero, sai em correria pelo parque do seu castelo e pelos campos adjacentes, ou sobe aos terraços e torres da mesma vetusta habitação, bradando, em lágrimas, pelo nome do noivo, entre mil queixas pungentes e revoltas blasfemas. O jogo de luzes que envolviam essas cenas, as nuances do luar e do crepúsculo da tarde, os claros e sombras que tudo adornavam e ▶

MEDIUNIDADE

embelezavam, entre azuis e rosa, que se mesclavam ao infinito, a suavidade da coloração, as harmonias dos sons, que repetiam seus lamentos em ecos impressionantes, pela vastidão local, e onde até o canto das cotovias se deixava ouvir, eram de uma perfeição e beleza tais que acreditamos nem mesmo o cinematógrafo, que muito se assemelha a essas citações do Invisível, conseguiria reproduzir na íntegra.

No entanto, tal cena, das mais patéticas e belas de toda a obra, não foi dada à psicografia, quando o autor da mesma voltou para escrevê-la. Em vão esperamos a sua transcrição. O impulso vibratório da psicografia não a delineou! Aliás, nem sempre se poderão aproveitar todos os detalhes e nuances dos dramas assim relatados ao médium, no Invisível, porque a obra se alongaria demasiadamente, o que seria contra-producente. É fácil, porém, compreender que a dita cena, destituída de qualquer valor moral ou doutrinário, embora artisticamente perfeita, fora suprimida para que a parte doutrinária não ficasse sacrificada pela extensão da obra, pois sabemos que o móvel dos romances espíritas é a propaganda da Doutrina por meio suave e convidativo, tributando os Instrutores Espirituais grande apreço a essas obras, por julgá-las imensamente úteis em virtude dos exemplos vivos oferecidos aos leitores.

Conquanto os Espíritos-Guias dêem preferência à parte doutrinária, à moral elevada que vemos presidindo a tudo quanto a Revelação Espírita tem concedido generosamente aos homens, também observamos que jamais se descaram eles de embelezá-las com os traços vigorosos de uma Arte pura, elevada e,

por assim dizer, celeste. Jamais, porém, presenciamos tantas e tão grandiosas expressões de Arte e Beleza, superiores a tudo quanto nossa mente fosse capaz de conceber, como no ano de 1931, ao nos ser revelada, durante um longo desdobramento, a história de “Amor e Ódio”, já publicada pela FEB, desdobramento que nos levou a visitar a cidade de Florença, na Itália, examinar suas obras de arte, visitar seus palácios e admirar o jogo das luzes irisadas através dos vitrais, contemplando-a, tal como era há dois séculos! E assim, nesse exame, que muito naturalmente era realizado, distinguíamos até mesmo os brocados e cortinados dos grandes leitos senhoriais, as pinturas decorativas das paredes, o brilho do verniz dos móveis, os raios de sol coados através dos vitrais multicores, tocando tudo de uma forte sugestão.

Na noite de 30 de junho de 1931, o Espírito co-autor da dita obra, isto é, “Charles”, arrebatou-nos em espírito, levando-nos consigo para uma região que supomos dedicada à Arte, no Mundo Invisível. Concluimos que as regiões espirituais mais achegadas à Terra sejam azuis, com nuances brancas raiadas, pois são as cores que mais freqüentemente divisamos nos ambientes invisíveis felizes que temos visitado. Acreditamos mesmo, tratar-se de um estado, de uma modificação do fluido invisível, trabalhado pela vontade dos obreiros espirituais, e que a própria Terra nele se encontre mergulhada. O certo é que, arrebatada pela entidade protetora, bem cedo nos reconhecemos pairando em local florido, espécie de parque ou jardim, artisticamente deli-



neado, verdadeiro cenário celeste, onde nenhum traço de beleza faltava, percebendo-se até mesmo a melodia de pássaros e mil cativantes perfumes de flores. Todo o conjunto se esbatia de um como luar azul matizado, lembrando os coloridos de Rembrandt, isto é, partindo de tons mais fortes, como sombreados, para decrescerem de coloração gradativamente, até o branco cintilante, pois essas nuances são luminosas, como neblinas que se iluminassem por lampadários inteligentes, caprichosos.

Nessa encantadora estância encontravam-se Victor Hugo e Frederico Chopin². Vendo-os, nenhuma surpresa nos assaltou, pois

mais artisticamente dotada que seja, visto que o Belo, no Invisível, é apanágio do virtuoso, do moralizado, do coração humanitário e fraterno, já identificado com as vibrações inerentes ao verdadeiro bem.

A pura intelectualidade, desacompanhada de princípios excelentes, que somente as qualidades do coração produzem, assim como a Arte, por si só, com o seqüito da vaidade, do orgulho, da falta de boa moral, não permitem a ascensão do seu cultor aos planos rutilantes do Belo, existentes no Além... o que equivale a asseverar que nenhuma conquista feliz, no Além-Túmulo, será possível sem a renovação do Espírito, ou seja, a sua reeducação moral.

Arrebatada pela entidade protetora, bem cedo nos reconhecemos pairando em local florido

não temos memórias de quaisquer surpresas que nos assaltassem durante tais escapadas espirituais. Presente estava igualmente a entidade “Gaston”, que figura na obra como a sua personagem central. Acreditamos que, nos ambientes esclarecidos do Espaço, quando um dos seus habitantes, ou componentes, se prepara para a reencarnação, os que ficam lhe oferecem festividades de despedida, homenagens que dão em resultado essas solenidades espirituais, onde o Belo atinge proporções inconcebíveis à mente humana, por

Percebemos que Victor Hugo presidiria à tarefa de Gaston, auxiliando-o nas narrativas com o poder do próprio gênio, pois teria sido amigo e protetor deste, quando encarnados ambos, em Paris. Tendo-o livrado mesmo da guilhotina, coadjuvado, nos esforços para patentear a inculpabilidade do mesmo, pelo Professor Denizard Rivail (Allan Kardec), de quem o jovem teria sido discípulo.

No entanto, era Charles quem nos esclarecia, e aqui tentaremos reproduzir suas palavras de então, atra-

² É possível que nosso espírito não atingisse realmente a dita região, e sim tudo contemplasse através de quadros a distância. Tão sugestivos e intensos esses quadros (espécie da nossa televisão, muito aperfeiçoada), que o médium mantém a impressão de que realmente está presente em tudo o que vê.

MEDIUNIDADE

vés das recordações que nos ficaram e das intuições que nos afloram à mente, sob as irradiações do mesmo dedicado amigo, sob cuja vigilância estas páginas são escritas.

- “Trata-se da solenidade de despedida de Gaston de... (jamais nos pudemos apossar do verdadeiro nome dessa entidade, que no volume “Amor e Ódio” vemos alterado), antigo amigo nosso, companheiro de ideais republicanos de Hugo, em

como lição esclarecedora que mostrará, aos jovens descuidados do cumprimento do dever, até onde poderão levar as inconseqüências de uma juventude leviana e desregrada... Seus mentores espirituais aprovaram a pretensão, visto que o intento seria de utilidade geral... Todavia, Gaston de..., não obstante intelectual primoroso, na Espiritualidade não possui o poder mental nem a ascendência

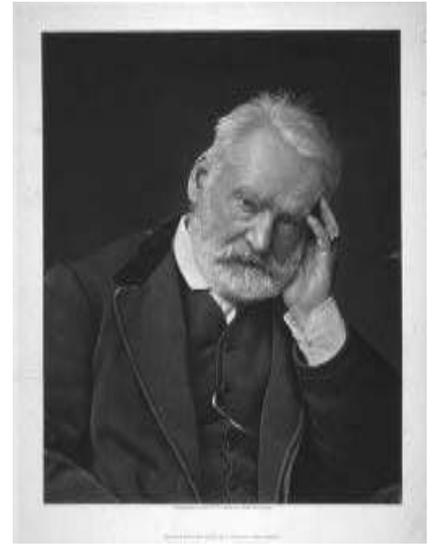
Victor Hugo, de quem ele foi grande admirador e amigo, prontificou-se a auxiliá-lo no tentame

Paris... Sua beleza física foi célebre, pois sua plástica e mesmo a fisionomia apresentavam semelhança mui pronunciada com a estátua de Apolo de Belvedere. Sua vida, no entanto, primou pelos grandes infortúnios, verdadeiras desgraças, que sobre ele se abateram... Despede-se hoje dos amigos da Espiritualidade, porque entrará em preparativos para a reencarnação, o que absorverá suas atenções, e cercará a liberdade de que até agora vem desfrutando entre nós... Ele se sente cansado da Europa... como que aterrorizado dos férreos costumes, dos preconceitos excessivos, do materialismo desanimador ali existente... e reencarnará, por isso, no Brasil, de cujas plagas se enamorou, para novos ensaios de progresso à sombra generosa do Consolador, que lhe acalentou o coração nos dias do passado...

“Deseja ele narrar a sua história através do feito mediúnico e oferecê-la à mocidade de sua futura Pátria

moral necessários à produção de um fenômeno tão transcendente e complexo, tal o dia da criação, transmissão e conclusões morais-filosóficas adequadas a uma obra educativa em moldes evangélico-espíritas, e por isso não concede diretamente ao médium o que se tornou, de há muito, seu ardente desejo... Victor Hugo, de quem ele foi grande admirador e amigo, prontificou-se a auxiliá-lo no tentame, pois Hugo possui todos os requisitos exigidos na Espiritualidade para a exposição posterior ditado de uma obra dentro desses moldes.

“Frederico Chopin, alma sensível e bondosa, não conheceu pessoalmente Gaston sobre a Terra, não obstante haver sido este, até hoje, um dos melhores intérpretes de sua música; porém, afeiçoou-se a ele no Espaço, visto que Gaston fora admirador sincero do seu gênio. Assim sendo, colabo-



Victor Hugo (1802 - 1885)

ra aqui, no momento, com a sua arte, para homenagear o amigo que se despede... Quanto a mim, que milito de preferência na Terra, incumbido, mercê de delicados deveres, de procurar um cérebro mediúnico-espírita para as necessárias experiências – pois a presente reunião é composta de entidades convictamente espíritas -, arrastei-me até aqui, visto ser esse o meu dever, como teu assistente espiritual que sou... Entretanto, para o ditado que se verificará, neste momento, **precisará o médium ter conhecido a França e lá vivido pela época, a que o assunto se reporta... Precisar, igualmente, ter vivido na Itália, particularmente em Florença por ocasião de um episódio ali desenrolado, assim como precisará ter conhecido a aristocracia**, de uma forma ou de outra, através das reencarnações, pois que, a não ser assim, dificilmente encontraríamos em seus arquivos mentais, ou

subconsciência, elementos para positivarmos o que irá ser narrado. Falo-te particularizando uma obra a ser modelada.

No entanto, os informes que te forneço são a regra geral para os demais labores dessa espécie. Além disso, a parte doutrinária evangélico-espírita, sendo o móvel de uma obra literária mediúnica deverá ser assaz cuidada, e ao médium será, pois, indispensável possuir conhecimentos de tais matérias, a fim de tornar possível acionarmos sua mente à nossa vontade, através do mecanismo das vibrações, das sugestões, de uma qualquer obra mediúnica, é o trabalho fatigante e penoso para os doadores do Além... razão pela qual insistiremos em aconselhar aos médiuns, em geral, incansáveis esforços em prol da aquisição dos conhecimentos da causa em qual laboram, caso se interessem realmente pelos ideais em apreço.”

Entretanto, eis que uma tonalidade vigorosa de voz, ou seja, a vibração do pensamento genial de Victor Hugo, repercutiu poderosamente em nossas potências espirituais, dando a entender, exatamente, a frase inicial do primeiro capítulo do drama que seria publicado sob o nome de “Amor e Ódio”. Uma vertigem intraduzível se apossou do nosso espírito. Desapareceu de nossa visão todo aquele conjunto belo e feliz, que nos rodeava... Desapareceram Charles, Frederico Chopin, o jovem Gaston e o próprio Victor Hugo... e nos reconhecemos em Paris, na época evocada pela primeira frase do livro, isto é, pelo reinado de Luís Filipe. Desenrolou-se, então, a história sob o irresistível influxo do grande Hugo, que a “narrou”, e cuja “voz” ouvíamos sempre, forte e dominadora, sem todavia vê-lo. Sua palavra, portanto, **tornou-se, vida, cenas, fatos, drama, seqüência admirável de uma realidade incontestável**. Nós nos víamos presente em todas as cenas, qual expectadora muda do imenso drama, sem, contudo, perder nossa atual personalidade. Sentíamos, porém, ecoando em nossas sensibilidades, as emoções e impressões que as personagens deveriam viver, permanecendo as mesmas emoções em nosso ser, incomodando-nos mesmo, afligindo-nos, até que a obra foi escrita e terminada.

...CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO

Fonte:

PEREIRA, Yvonne A. *Devassando o Invisível*. Págs. 138 a 173. Feb.

é comum o médium se emocionar ante as belezas que à sua visão se rasgam em cenas indescritíveis



Claude Monet, *Saint Lazare Station, Paris, 1876-77*